

Mudança de faixa: notas sobre a migração do rádio AM para FM no Brasil¹

Mariane Cristine ANTUNES²
João Cubas MARTINS³
Maira Rossin Gioia de BRITO⁴

Universidade Federal do Paraná, UFPR

RESUMO

Este artigo sistematiza os resultados de uma cartografia de campo (MARTÍN-BARBERO, 2002) que norteia a pesquisa radiofônica a partir de um levantamento exploratório nos estudos sobre a migração do rádio AM para o FM no Brasil. Para esta análise, foram utilizados os trabalhos publicados nos seis anos subsequentes ao início do processo de migração, nas bases de dados Capes e *Google Academy*, com a utilização das palavras-chave Comunicação; Migração AM-FM; para a identificação dos trabalhos relacionados ao tema proposto. No total, foram encontrados 23 estudos entre 2015 e 2021. O objetivo geral desse trabalho é mapear e sistematizar a produção acadêmica referente ao tema de modo a identificar os enfoques e tendências nos estudos realizados bem como as lacunas nessa produção que possam subsidiar outras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Migração do Rádio; Digitalização do Rádio; Convergência; Consumo

TEXTO DO TRABALHO

Este artigo sistematiza os resultados de uma cartografia de campo (MARTÍN-BARBERO, 2002) que norteia a pesquisa radiofônica a partir de um levantamento exploratório nos estudos sobre a migração do rádio AM para o FM no Brasil. O processo de migração do rádio AM para o FM tem sido estudado por pesquisadores brasileiros desde o início do seu processo. O veículo é um dos meios com maior alcance em

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Formação Sociocultural da UFPR, na linha de pesquisa de Comunicação e Cultura. E-mail: marianeantunes13@gmail.com

³ Mestrando do Curso de Comunicação e Formação Sociocultural da UFPR, na linha de pesquisa de Comunicação e Cultura. E-mail: joaocubas@ufpr.br

⁴ Doutoranda em Comunicação, na Linha de Comunicação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: mairargioia@gmail.com.

localidades onde o sinal digital de TV e internet não chega com qualidade. Sendo assim, ao se analisar os estudos relacionados aos processos de migração, mudança na tecnologia relacionadas ao rádio, do seu surgimento, ao seu papel atualmente, percebe-se que o meio se modifica, se adapta e se transforma, mantendo o seu caráter social como meio de difusão de informação, entretenimento e cultura.

As tecnologias digitais de comunicação, o aumento da interferência nos aparelhos receptores e a produção cada vez menor de aparelhos que ofereçam a sintonia de emissoras AM motivaram o Governo Federal a estudar, nos últimos anos, a possibilidade de migração dessas emissoras para a faixa FM. Este processo teve início em 2013 e, no momento, grande parte das rádios que estão com a mudança pendente irão para a faixa estendida, entre 76 e 87 MHz, antes utilizada nas transmissões de TV analógica.

Para esta análise, foram utilizados os trabalhos publicados nos seis anos subsequentes ao início do processo de migração, nas bases de dados Capes e *Google Academy*, com a utilização das palavras-chave Comunicação; Migração AM-FM; para a identificação dos trabalhos de conclusão de curso de graduação, teses, dissertações, artigos, livros e resumos relacionados ao tema proposto. No total, foram encontrados 23 estudos entre 2015 e 2021. A pesquisa identificou trabalhos que apontam os primeiros resultados desse processo, mas fica claro que há muito ainda a ser pesquisado e analisado, já que o processo de migração ainda está em andamento. Sendo assim, o objetivo geral desse trabalho é mapear e sistematizar a produção acadêmica referente ao tema de modo a identificar os enfoques e tendências nos estudos realizados bem como as lacunas nessa produção que possam subsidiar outras pesquisas. Os objetivos específicos são: entender como os pesquisadores têm observado esse processo de migração; elencar os resultados já publicados e relacionar as pesquisas encontradas à evolução do processo de migração. Percebe-se que os autores, em sua maioria, se debruçam em temas como: história, impacto da migração, programação e adequação de tecnologia.

O mapeamento realizado considera que o rádio e seus espaços locais trazem para o debate social assuntos que, geralmente, fogem das discussões da cobertura midiática nacional, ou seja, contribuem para a mobilização social em torno de problemas que afetam a vida das pessoas e muitas vezes são negligenciados por governantes. Afinal, o rádio local se torna mediador entre as demandas da população e as instâncias governamentais (MEDEIROS, 2020). O autor apontou uma preocupação do processo de migração, que é a possível redução da área de cobertura das emissoras depois da ida para a faixa de FM

(MEDEIROS, 2019). Como as AMs em sua maioria não têm um caráter expansivo geograficamente, elas se voltam para suas localidades tanto em cobertura quanto na formatação de suas programações. Assim, quando elas estão em grandes centros podem acertadamente migrar e até ganhar alcance com a ida para o FM. Porém, isso se baseia em alguns casos específicos e em emissoras AM de baixa potência, desconsiderando áreas remotas e comunidades rurais, que podem se configurar nos chamados “desertos de notícia”, ou seja, localidades sem emissora de rádio, TV, jornal ou portal de internet. (MEDEIROS, 2019). Outro exemplo é o de Farias e Zuculoto (2017), que fazem uma linha do tempo do rádio brasileiro, contextualizando a etapa atual com as demais, dividindo em fases como: Implantação; Inovações tecnológicas (TV e transistor); Implantação de um novo dial (FM); Informatização; O rádio na internet e expandido e, por último e em andamento, a migração das emissoras do AM para o FM. Para as autoras, alguns dos motivos do esquecimento no AM perante o público e os anunciantes estão na ausência da faixa em diversos dispositivos. Como os estudos técnicos esbarraram em critérios técnicos e políticos, o FM analógico surgiu como solução, com boa penetração e com receptores diversificados e baratos (FARIAS E ZUCULOTO, 2017). Nesse contexto, uma das preocupações diz respeito à programação a ser adotada por essas emissoras após a mudança de espectro. Farias (2017) apontou que a simples transferência de programação das AMs para as FMs pode deixar esta última mais falada, em um processo semelhante ao ocorrido entre os anos 1990 e 2000, quando as emissoras FM passaram a veicular conteúdos jornalísticos, em um fenômeno descrito como a “aemização” do FM. Outro fator que corrobora a tese da autora são as transmissões simultâneas em FM de conteúdo das AMs, já descritas anteriormente por Curado (2015) e Santos e Campos (2016). De acordo com Farias e Zuculoto (2017), essa preocupação - muito mais estética do que de conteúdo - coloca em discussão a necessidade de repensar os formatos e modelos de jornalismo produzidos no rádio atualmente. (FARIAS, 2017).

Em 2018, pesquisadores verificaram o possível reposicionamento de 238 emissoras AM que migraram para o FM (LOPEZ et al, 2019). Na ocasião, mais uma vez apareceu a expectativa do aumento da audiência, especialmente pelo smartphone. Por essa razão, as emissoras pesquisadas investiram em sites, aplicativo para celular, fanpage no Facebook, perfil no Twitter e, em alguns casos, perfil no Instagram e canal no YouTube. Na ocasião, grande parte das emissoras esperava remodelar programas existentes (57,73%) e aumentar da programação jornalística (45,36%). O mesmo estudo

mostrou que havia também o desejo de trazer utilidade pública à programação com mais jornalismo, mas por outro lado, um barateamento de custos ao aderir a uma rede. Com esses dados, Lopez et al (2019) perceberam que a migração trazia, em suas impressões iniciais, uma expectativa de sobrevivência ao meio, com aumento no faturamento no primeiro ano de novo dial. Porém, isso não era uma regra, pois para muitas delas isso ainda era uma perspectiva, que variava o seu grau de acordo com a emissora e a sua localização. (LOPEZ et al, 2019). Ainda assim, as autoras acreditavam na confiança que o veículo possui para garantir que as empresas poderiam se adaptar a essas mudanças. Outro fator estudado pelos pesquisadores são os aspectos técnicos e sociais que envolvem a migração e a dificuldade de adaptação da tecnologia do AM ao ambiente digital. Esse problema não é exclusividade do Brasil.

No mesmo ano, foi publicada uma análise do contexto da migração na recepção dos ouvintes, uma vez que a mudança de faixa busca uma possibilidade de ressignificação do meio, que pode oportunizar crescimento e atualização técnica e de conteúdo para as emissoras (PRATA e DEL BIANCO, 2018). E ainda, Prata e Del Bianco (2020) exemplificam os processos que ocorreram no México e nos Estados Unidos. No primeiro caso, os estudos ocorrem desde 2005, de forma voluntária. Mais de 400 emissoras já estão em FM e outras 150 aguardavam autorização em 2017. O espectro foi reorganizado, com a diminuição da separação entre as frequências portadoras, para garantir a operação na faixa tradicional. Já nos Estados Unidos, o sistema *FM translator stations* retransmite simultaneamente o sinal de uma AM primária para uma estação de FM com frequência diferente. Por isso, as autoras acreditam que a política pública brasileira adotada para solucionar a crise do AM pode ser considerada uma inovação dentro da tradição.

Trata-se de uma inovação menos disruptiva e mais incremental, pois acontece de maneira sistêmica, ao longo do tempo, em sua velocidade, incorporando a tradição do AM. Uma estratégia de evolução comum num segmento historicamente conservador, avesso à quebra radical de paradigmas. (PRATA e DEL BIANCO, 2020, p.4)

Em outros tempos, a faixa AM foi importante na disseminação de costumes, ideais políticos e democráticos e na construção cultural da integração nacional através do forte alcance de sinal, com predomínio das cidades interioranas e das características que davam ao rádio uma “experiência imersiva, coletiva e familiar”. (DEL BIANCO, 2019, p. 13). Com o advento dos dispositivos móveis, transmissão via satélite e a popularização

das mídias de gravação e reprodução por streamings, a sustentabilidade dessas frequências históricas ficou prejudicada.

Por isso, entre 2013 e 2014, dois marcos legais regulamentaram como o processo se inicia: o decreto n. 8.139/2013 e a portaria n. 127 do Ministério das Comunicações. As questões atendiam questões essenciais para atender aos interesses dos radiodifusores:

- a. a migração é facultativa
 - b. a frequência AM local será extinta ao término do processo;
 - c. quem não aderir terá de migrar para outras categorias de operação na faixa AM (regional e nacional);
 - d. a concessão de outorga para FM é onerosa, devendo ser pago o valor correspondente pelo uso da radiofrequência em parcela única estipulada pelo governo;
 - e. para solicitar a mudança, as emissoras devem comprovar regularidade fiscal e trabalhista;
 - f. o atendimento aos pedidos está condicionado a viabilidade técnica da localidade;
 - g. a nova outorga é restrita ao município onde está situada a emissora de origem;
 - h. é permitido *simulcast* por até 180 dias após a transferência nas localidades onde há espaço no dial, sendo que nas localidades onde FM estendido o prazo de convivência dos dois sinais é por até cinco anos; e
 - i. as transmissões em Ondas Tropicais e Ondas Curtas não foram beneficiadas com o direito a adaptação, mas o serviço foi preservado.
- (DEL BIANCO, 2019, p. 13).

Entre novembro de 2016 a setembro de 2017 foram realizados mutirões em dois terços dos estados brasileiros, o que permitiu a 600 emissoras AM iniciarem a operação em nova frequência (DEL BIANCO, 2019).

Medeiros (2019) apontou uma preocupação do processo de migração, que é a possível redução da área de cobertura das emissoras depois da ida para a faixa de FM. Como as AMs em sua maioria não tem um caráter expansivo geograficamente, elas se

voltam para suas localidades tanto em cobertura quanto na formatação de suas programações. Assim, quando elas estão em grandes centros podem acertadamente migrar e até ganhar alcance com a ida para o FM. Porém, isso se baseia em alguns casos específicos e em emissoras AM de baixa potência, desconsiderando áreas remotas e comunidades rurais, que podem se configurar nos chamados “desertos de notícia”, ou seja, localidades sem emissora de rádio, TV, jornal ou portal de internet. (Medeiros, 2019, p. 46).

Esse fenômeno negativo é referenciado considerando a radiodifusão sonora como zonas de silêncio, lugares que não têm acesso a nenhuma emissora de rádio. A preocupação com esse provável “efeito colateral” do processo de migração é bastante pertinente porque o rádio segue sendo a única fonte de informação para muitas pessoas nos interiores do Brasil (MEDEIROS e PRATA, 2019, p.5).

Nesse contexto, os autores enfatizam que o processo de migração conforma as dimensões do local em que estão inseridas, “legitimando as características do rádio AM que há anos está presente no dia a dia das pessoas” (MEDEIROS E PRATA, 2019, p. 7).

Outros trabalhos têm trazido uma contribuição no sentido de entender as programações das emissoras migradas. Farias, Zuculoto e Clasen (2019) analisaram três rádios tradicionais de Santa Catarina que realizaram o processo recentemente. As pesquisadoras chamam a atenção para o fato de as grades estabelecidas apostarem em um formato híbrido, com programas que dosam informação e música de maneira variada durante o dia. Assim o formato especializado vem se afastando dessas emissoras, que se dedicavam a ser ora faladas, ora musicalizadas (KAPLÚN, 1978) ou temáticas e musicais (CEBRIAN-HERREROS, 2008) e que agora estão mais ecléticas, utilizando os dois formatos nas grades (FERRARETTO, 2014; FARIAS, ZUCULOTO e CLASEN, 2019).

Com a dificuldade de adaptação dos aparelhos à captação do sinal digital, a remodelação aconteceu com a ampliação da recepção analógica. Assim o desafio da migração é equilibrar a necessidade de inovação, típica do mercado dinâmico e muito competitivo do FM, e a tradição vinculada a um estilo, conteúdo e linguagem. Além de necessidade de renovar parte da programação para conquistar um público mais jovem (PRATA e DEL BIANCO, 2020).

Dessa forma, a realidade cultural do local onde a emissora está inserida também é um aspecto relevante a ser considerado neste processo. Coutinho (2021) realizou uma pesquisa de caráter exploratório, com observação e entrevistas com gestores de duas rádios dos estados de São Paulo e da Bahia, considerando o conteúdo dessas emissoras e

a relação com os ouvintes como representação cultural de seus territórios, sendo verdadeiros patrimônios culturais imateriais (COUTINHO, 2021). Nesse sentido, a autora aponta que as mudanças levam consigo “uma parte da história do rádio naquele local, apagaram um trecho importante da história do desenvolvimento do rádio no país e das culturas que ele ajudou a formar ou representar” (COUTINHO, 2021, p. 194). Por isso, quando uma rádio permanece ligada à comunidade à qual pertence, ela permanece valorizando a cultura local, estreitando assim os seus vínculos com a comunidade.

Um trabalho que sintetiza a realidade da migração das rádios AM para FM é a tese de doutorado de Karina Woehl de Farias (2020). A pesquisadora associou entrevistas com equipes das rádios migrantes no estado de Santa Catarina com a análise das suas programações, para verificar eventuais modificações na produção jornalística das emissoras após a mudança de faixa. A escolha dessa abordagem se deu, na visão da autora, pela facilidade na “possível obtenção de dados e peculiaridades da temática pesquisada, com intuito de perceber melhor as adaptações no rádio catarinense” (FARIAS, 2020, p.79).

Farias (2020) realizou entrevistas em 12 emissoras, de seis regiões catarinenses, em que verificou se houve mudanças da programação e como o jornalismo aparecia na grade dessas emissoras.

Ao final, a autora identificou, no geral, adaptações nas programações para conquistar ouvintes jovens, melhora na qualidade sonora e atualização dos equipamentos das rádios. De acordo com a autora, apesar de algumas empresas perderam a chance de ampliar a atuação jornalística para se aproximar do público local, houve casos em que a prestação de serviço e a interação apareceram como alternativa de agregar públicos cada vez mais distantes de meios tradicionais.

Parte dessas emissoras percebeu que as pessoas não ligam mais o rádio somente para ouvir música, algo que as plataformas digitais oferecem em abundância, mas que o motivo da sintonia está na busca de informação, do local, da prestação de serviço e da comunicação interativa com comunicadores. (FARIAS, 2020, p.166).

Embora a migração das emissoras brasileiras em FM represente um salto tecnológico para o rádio de uma forma geral, as mudanças nas emissoras não devem parar por aí. A Noruega, por exemplo, já sinaliza extinguir de vez a transmissão em FM, tornando-se o primeiro país do mundo a se tornar integralmente digital. O desligamento

começa este ano em algumas cidades e vai se estender pelo país ao longo do ano. Além da Noruega, países como Suécia e Dinamarca também já estudam extinguir a rádio FM (UOL, 2017). Que a migração seja o passo inicial para motivar outras mudanças necessárias na radiodifusão brasileira (LIMA, 2018).

Ao analisarmos os processos de mudança e tecnologia ao longo da história, relacionadas ao rádio, do seu surgimento, ao seu papel atualmente, percebemos que o meio de modifica, se adapta e se transforma, e mantém o seu caráter social como meio de difusão de informação, entretenimento e cultura.

Como conclusão observa-se que uma das questões a serem analisadas em pesquisas futuras está relacionada com a falta de acesso à internet em localidades descobertas pelo sinal da frequência modulada. E ainda, observar a prática e rotina das emissoras, na sua produção de conteúdo diário, levando em conta os novos alcances e perfil da audiência. Além disso, há lacuna para observar a adoção de políticas públicas de acesso à informação, que devem ser pensadas no curto, médio e longo prazo, para a garantir o acesso à informação e à cultura, direito de todos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (Anatel). **Consulta Pública nº 70**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3yFEXbn>. Acesso em: 05 ago. 2021.

BBC (ed.). **O fim de uma era: Noruega é 1º país do mundo a parar com transmissões de rádio em FM**. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-38594519>. Acesso em: 9 set. 2022.

BETTI, Juliana Gobbi. **Migração das emissoras em amplitude modulada: as vozes do novo dial brasileiro**. In: X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana De Mídia Cidadã, 2015, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: Unesp, 2015. p. 1-15.

BIANCO, N. R.; PRATA, N. **A construção da política pública brasileira de migração do rádio AM para o FM**. Florianópolis: Insular, 2018, p. 25-38.

CAPPIA, Eduardo. [Entrevista concedida a] Camilla Cristina Curado *in* CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica**. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.

CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. **A criatividade no contexto do rádio atual. Teorias do rádio: Textos e contextos.** Florianópolis, Insular, v. 2, p. 337-363, 2008.

COUTINHO, Elane Gomes Santos. **Rádio regional e cultura popular: o patrimônio cultural imaterial na migração de AM para FM - análise da ZYD 869 Rádio Mantiqueira de Cruzeiro (SP) e da ZYV 514 Rádio Clube de Santo Antônio de Jesus (BA).** 2021. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2021.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica.** Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.

DEL BIANCO, Nelia. O ciclo da política pública brasileira de migração do rádio AM para FM: sustentabilidade, gestão do espectro e regulação. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, Aracaju, v. 20, n. 3, p. 7-25, dez. 2018.

FARIAS, Karina Woehl de. **A programação no rádio AM + FM: especificidades de um meio em migração.** In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-13.

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM.** *Rádio-Leituras*, v. 8, n. 2, 2017.

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; CLASEN, Beatriz Hammes. Reflexões sobre o rádio catarinense no processo de migração do AM para o FM. In: MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Paulo Rogério Costa. FERREIRA NETO, João Batista (org.). **Todos os rádios do Brasil: novas frequências, sintonias e conexões.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2019. 160 p.

FARIAS, Karina Woehl de. **Do AM para o FM: Adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina.** 2020. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Estruturação da mercadoria das emissoras comerciais sob a convergência: apontamentos para uma economia política da indústria radiofônica.** *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 943-965, dez. 2014.

KANTAR IBOPE MIDIA. **InsideRad 100 2022.** São Paulo, 2022. 42 p. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2022/09/INSIDE-RADIO-2022_KANTAR-IBOPE-MEDIA.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

KASEKER, Mônica Panis. **Modos de ouvir: a escuta do rádio ao longo de três gerações.** Curitiba: Champagnat, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad, 2016. 152 p.

LIMA, Artur Venicio de. **Regulação das comunicações: história, poder e direitos.** São Paulo: Paulus, 2011. 254 p.

LIMA, Hélder Samuel dos Santos. **A migração do rádio AM para FM em Mato Grosso Do Sul: um estudo comparado das rádios Caçula e Difusora Pantanal.** 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio allnews brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** 1ª edição, Covilhã: Labcom Books, 2010, 158 p.

LOPEZ, Debora Cristina; PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia; ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. **Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais.** Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 60-78, jan./jun. 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo.** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEDEIROS, Rafael Ferreira. **O Rádio e a cidade patrimônio: experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes Ouro-Preтанos.** 2019. 276 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

MEDEIROS, Rafael Ferreira; PRATA, Nair. Reverberações da migração AM - FM: sobre a função social do rádio local, desertos de notícia e zonas de silêncio. In: **Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, 3, 2019, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2019. p. 1-9.

MEDEIROS, Rafael Ferreira. **A função social do rádio local entre desertos de notícia e zonas de silêncio: reverberações da migração AM-FM.** Revista Âncora, v.7, N.1, 2020.

MENEZES, José Eugênio de O.; Cardoso, Marcelo. **Comunicação e Cultura do Ouvir.** Editora Plêiade. São Paulo, 2012.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia R. Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 17, p. 22-32, jun. 2020.

PRATA, Nair; BIANCO, Nélia R. del (Org.). **A migração do rádio AM para FM: Avaliação de Impacto e desafios frente à convergência tecnológica.** Florianópolis: Insular, 2018. 394 p.

SANTOS, Bruna Flores. CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. A migração das emissoras radiojornalísticas para o FM em Porto Alegre. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 139-164 jul./dez. 2016.

TUDO RÁDIO. **Migração das AMs, levantamento das FMs.** Disponível em: <https://tudoRádio.com/conteudo/ver/45-o-Rádio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acesso em: julho de 2021.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil.** Editora Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. **De volta para o futuro: valorização do jornalismo local na migração AM-FM em Santa Catarina.** In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019, Goiânia. Anais[...] Goiás: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2010/1133>.